



Aspectos da trajetória literária de Moacyr Scliar

Aspects of the of the Literary Journey of Moacyr Scliar

Márcio Cesar Pereira dos Santos*

Resumo: Moacyr Scliar construiu um vasto repertório literário em contos, crônicas, romances, novelas e ensaios – todos marcados pela singularidade de seus temas, bem como de sua relação com a condição judaica e com a tradição bíblica, tratados de forma única na literatura brasileira. Este artigo procura traçar alguns dos aspectos mais relevantes da trajetória desse escritor a partir de seus ensaios e entrevistas concedidas em diferentes épocas. Com isso procuramos constituir um perfil biográfico e literário do escritor.

Palavras-chave: Moacyr Scliar. Bíblia. Biografia.

Abstract: Moacyr Scliar was a important contemporary Brazilian writer who built a vast repertoire in literary short stories, chronic, novels and essays - all marked by the uniqueness of its themes. In his works the themes involve medicine, the sacred literature, the Jewish condition, the tradition and the historical review of our training, were treated in a unique way in Brazilian literature. This article seeks to show some of the most relevant aspects of the trajectory of this author from his essays and interviews at different times. With that seek to provide a biographical and literary profile of the writer.

Keywords: Moacyr Scliar. Bible. Biography.

A biografia de um escritor esta nos meandros de seu estilo.

Joseph Brodsky

Introdução

Por que escrevem os escritores? Todos eles já se deparam com essa questão recorrente e inevitável em algum momento de suas trajetórias. Alguns optaram pelo silêncio. Muitos daqueles que publicaram reflexões sobre o fazer literário produziram testemunhos fundamentais, amiúde reveladores para a literatura, tanto na sua variância como no seu espelhamento. Um relato, particularmente comovente, é o ensaio *Menos que um*,¹ do poeta russo Joseph Brodsky (1940-1995), logo no princípio desse texto ele postula:



Assim escrevo não com a finalidade de estabelecer um registro correto (não existe esse registro, e mesmo que exista, é insignificante, e portanto ainda não foi distorcido), mas sobretudo pela razão costumeira que faz um escritor escrever – para dar ou receber um empurrão da linguagem.²

O mover da linguagem é para Brodsky condição inerente (*sine qua non*) ao trabalho do escritor. O poeta russo, de ascendência judaica, passou anos preso em um *gulag* e, mais tarde, foi exilado pelos soviéticos que o consideraram um “parasita social” (adjetivo comum aos artistas, particularmente aos poetas, no pragmático Ocidente). Escreveu grande parte de sua obra, sobretudo ensaística, no desterro, longe de sua saudosa São Petersburgo, longe de seus pais que morreram sem reencontrá-lo. São ensaios, escritos em inglês, opção justificada para “poupar seus pais da vilania que a Rússia os havia reduzido.”³

O poeta revela uma multiplicidade de facetas – a ascendência russa, a condição judaica, o afeto profundo por seus familiares e pelo o espaço de sua juventude, um grande apreço por seus amigos e suas afinidades eletivas, uma consciência lúcida e melancólica, por vezes amarga, das sociedades ocidentais e um relacionamento íntimo com a literatura, tendo dedicado uma boa parte de sua obra à tarefa de pensar sobre ela, sempre pelo viés de sua experiência pessoal. São esses alguns traços que o escritor russo compartilha com Moacyr Scliar, também de ascendência russa e judaica, autor prolífico com mais de oitenta publicações, dentre elas uma vasta produção ficcional e uma ensaística multifacetada, versando sobre literatura, medicina, a condição judaica e o mundo contemporâneo. Procuo neste artigo examinar textos que esse escritor brasileiro dedicou à sua vida e ao seu ofício literário para tentar identificar como ele responde à questão inicial que aqui proponho.

1 Uma pequena biografia

Os dados da biografia de Moacyr Scliar sempre foram amplamente divulgados pelo autor em livros, crônicas e entrevistas, também pela imprensa especializada, que, em resenhas, apresentações, ensaios sempre o apresentaram na “cômada” classificação de “escritor gaúcho, médico e judeu” e vice-versa.

Nascido em Porto Alegre, em 1937, Scliar cresceu no bairro do Bom Fim da capital gaúcha, localidade que abrigava um grande contingente de judeus



emigrados. Seus pais, Sara e José Scliar, russos vindos da Bessarábia se estabeleceram no Sul do Brasil para fugir dos *pogroms* e da fome.

Filho de uma professora e de um comerciante, parente de artistas ilustres como o pintor Carlos Scliar, imerso num grupo humano peculiar, cuja principal atividade em grupo era contar suas histórias e reverenciar os relatos de um livro. Por esse começo não é difícil identificar suas raízes literárias – os livros não lhe faltaram, nem mesmo o incentivo para escrita, alfabetizado pela mãe professora que lhe abriu as portas para a literatura, educado em numa escola iídiche na infância e em um colégio católico até o fim da adolescência, as duas culturas iriam moldar o estranhamento de sua condição – ser judeu brasileiro num país católico.

Jovem na década de 1950, assume o marxismo como bandeira, participa de movimentos estudantis e opta, messianicamente, pela Faculdade de Medicina. Em 1962, publica seu primeiro livro, uma pequena edição caseira. O volume *Histórias de um médico em formação* (1962), que seria renegado pelo autor anos depois, tornando-se uma peça de colecionador. Forma-se no mesmo ano de sua estreia em livro, é orador de sua turma e em seu discurso inflamado conclama: “A medicina será verdadeira quando os médicos deixarem de gravitar ao redor de uma reduzida minoria de favorecidos.”⁴ Fortemente ideológica, porém atual, essa frase reflete bem o sentimento de rebeldia e inconformismo do jovem médico que acabará optando pela saúde pública, como médico sanitarista. Em plena ditadura iniciada no Golpe Militar de 1964, ele volta à escrita de contos e publica, em 1968, seu primeiro trabalho de repercussão nacional, o premiado *O carnaval dos animais* (1968), iniciando sua intensa produção literária.

Seu primeiro romance é *A guerra do Bom Fim* (1972), seguido de *O exército de um homem só* (1973), *Os deuses de Raquel* (1975) e *O ciclo das águas* (1977), livros de temáticas múltiplas, mas com uma linha em comum, a herança judaica – seu traço como autoral mais incensado por críticos e leitores. Nesse período, também lançou *Mês de cães danados* (1977), *Doutor miragem* (1978) e *Os voluntários* (1979). Em 1980, ano de nascimento de seu filho Roberto, publica o seu trabalho mais prestigiado internacionalmente *O centauro no jardim* (1980), única obra brasileira incluída pelo *National Yiddish Book Center*, distinção norte-americana para as cem melhores obras de temática judaica escritas nos últimos 200 anos.

Scliar continuou publicando uma grande variedade de textos, como ensaios, contos crônicas, um grande número de textos infanto-juvenis, com alguns



destaques significativos. A saber, na categoria conto: *O olho enigmático* (1986), *A orelha de Van Gogh* (1989); em ensaio: *A condição judaica* (1985), *A paixão transformada: história da medicina na literatura* (1996), *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil* (2003); na literatura infanto-juvenil: *Cavalos e obeliscos* (1981), *O tio que flutuava* (1988); e em crônica: *A massagista japonesa* (1984), *Pátria estranha* (2002). Seus mais de oitenta títulos publicados, aqui irrisoriamente representados, são de uma qualidade única na literatura brasileira, destaque (cânone pessoal), sobretudo, algumas de suas narrativas longas: *Cenas de uma vida minúscula* (1991), *Sonhos tropicais* (1992), *A majestade do Xingu* (1997), *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), *Os leopardos de Kafka* (2000), *Os vendilhões do templo* (2006), *Manual da paixão solitária* (2008) e *Eu vos abraço, milhões* (2010).

Scliar teve muitas distinções em sua trajetória, amplamente reconhecida em premiações nacionais e internacionais – não foram poucas as honorarias. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 2003 e continuou sua intensa produção até 2012, quando faleceu.

Com o seu silêncio, o estudo de sua obra, pela abrangência e singularidade de temas, pela qualidade geral de uma produção tão vasta, torna-se não apenas uma exigência, mas também uma necessidade. Um autor incomum e raro na produção literária brasileira contemporânea e, dado a velocidade com que produzia, talvez possamos, por muito tempo, ter novas produções de seu espólio.

Os ensaios de Scliar foram pouco estudados. Sua ensaística sempre se pautou pelo crivo de sua experiência pessoal, com o autor se colocando como exemplo de suas questões.

Em sua bibliografia, ele publicou apenas um texto confessadamente autobiográfico: *O texto, ou: a vida – uma trajetória literária* (2007), cuja leitura realizei em conjunto com outros documentos publicados, especialmente dois depoimentos de momentos distintos de sua carreira. Entrevistas concedidas às escritoras Edla van Steen e Mona Dorf nas coletâneas *Viver & escrever*, v. 3 (de 1981, reeditado em 2008) e *Autores e ideias* (2010), respectivamente.

2 Vida e texto

Em entrevista à Edla van Steen, Scliar assume ironicamente a tentação, como escritor, de ficcionalizar a si mesmo:



Não sei se isto acontece com todos os que escrevem com as pessoas em geral –, mas no meu caso qualquer tentativa de fazer um depoimento sincero sobre minha própria pessoa vê-se imediatamente prejudicada por uma irresistível compulsão à fantasia. À mentira, por assim dizer. Por mais que me esforce, não consigo me ver como personagem de ficção. [...] Mentira & Verdade. O espírito humano descansa na verdade. Acredito nisto, ou, pelo menos me esforço para acreditar. Busco a verdade.⁵

Esse trecho é um bom filtro para lermos seu texto autobiográfico, os limites entre ficção e verdade são fluidos e não podem ser alocados em uma posição estática em cujos papéis estão bem delimitados. Já no título a transitoriedade entre os lugares dos termos “vida texto, texto vida”, estão embaralhados pela pontuação; vírgula, dois pontos, mediados pela preposição “ou”: sinal de explicação, e, ou, sinal de oposição? Vida é texto ou texto é vida? Ou texto e vida? “Uma trajetória literária”, e o subtítulo, o que explica? A trajetória da vida ao texto ou do texto à vida?

São paradoxos conscientes e Scliar nos expõe a eles com sutileza, nos sete capítulos de seu relato, ele embaralha biografia e exemplos ficcionais de seu trabalho, elegendo suas afinidades eletivas e o mover da escrita na sua trajetória. Seus principais veios temáticos são o universo de sua formação no bairro do Bom Fim em Porto Alegre, as raízes judaicas, a medicina e as relações com a literatura, a evolução do ficcionista, o seu cânone literário (Bíblia, Kafka, Clarice Lispector e outros), a construção de suas principais obras, o humor e a melancolia de sua visão de mundo, seu tributo apaixonado pelas palavras e pela literatura.

3 O Bom Fim das histórias

Meus pais contavam histórias, meus tios contavam histórias. Os vizinhos contavam histórias. [...] Ouvir e contar histórias era para mim tão natural quanto respirar. Quando dei por mim, estava de lápis na mão, escrevendo.⁶



Scliar se define como um “contador de histórias” produto do mar de narradores de seu universo cultural, como na concepção de Walter Benjamin (1892-1940), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”.⁷ O autor faz aí caminho que o filósofo alemão o identificou no narrador clássico, marcado pela oralidade, pela narrativa transmitida pelas gerações para o narrador moderno; escritor de contos e romances. Ele se reconhece como tributário dessas narrativas orais na sua concepção, sobretudo pelas histórias de seu pai, José Scliar, diz o escritor: “meu pai era um narrador nato, desses que encantam os ouvintes com suas histórias. Isso me ajudou porque toda a literatura nasce assim, da narrativa oral.”⁸

Scliar posiciona sua trajetória no liame de “contar e ouvir histórias”,⁹ procura refletir sobre como o ato de narrar é intrínseco ao gênero humano e por isso, a si mesmo – mitos, histórias infantis, contos de fadas, relatos bíblicos e heróis literários e principalmente os “casos” de familiares e de sua comunidade – sua aldeia (*shtetl!*) no bairro do Bom Fim.

Com o pai aprendeu a ouvir e a criar histórias, com a mãe aprendeu a ler e a escrever, ela também o apresentou aos livros. Imerso nas primeiras leituras infantis de Monteiro Lobato (1882-1948), Mark Twain (1835-1910), Viriato Correia (1884-1967) o autor de *Cazuza* (1937), entre outros. Data desses anos o seu primeiro texto, uma autobiografia de seus primeiros sete anos de vida. Seu feito precoce não foi certamente obra de um acaso, o Bom Fim, onde iídiche era falado, foi o caldeirão cultural de sua formação, conheceu ainda menino Érico Veríssimo (1905-1975), Jorge Amado (1912-2001), amigos de seu tio Carlos Scliar que lhe apresentaria o texto de uma de suas grandes influências, a escritora Clarice Lispector (1920-1977). Sobre o impacto de descobri-la, Scliar diz:

Eu era garoto ainda, escrevinhando meus textos e, sobretudo, lendo bastante. Mas aquele texto... Deus, aquele texto era algo. Eu não imaginava que alguém pudesse escrever tão bem e com tamanha profundidade. Desde aquele dia não mais deixei de ler Clarice, que, aliás, era judia, nascida na Ucrânia, embora se declarasse brasileira.¹⁰

A identificação com Clarice acontece aqui em relação à origem eslava – a escritura, mas, sobretudo, na raiz judaica. Ele identifica na autora de *A hora da estrela* (1977), as marcas dessa condição, que não é apenas uma cultura, mas também uma tradição, uma indelével inscrição no corpo e na alma.



4 Kafka e a condição judaica

Moacyr Scliar cursou o ginásio em um colégio católico, tradicional e rigoroso, onde recebia aulas do catecismo, que, para um menino judeu causaria grandes transtornos de identidade cultural, afinal, lá, ele era pecador. Oprimido entre essas duas tradições religiosas e culturais, optou pelo agnosticismo, recusando a fé de ambas, admitindo-se não religioso. No entanto se reconhece tributário dessas tradições:

A condição judaica. Você não se livra dela. Começa que está estampada na carne: a marca da circuncisão. [...] Tanto quanto possível, vivo em paz com meu judaísmo, Extraí dele o que tinha de melhor: a fantasia, o conteúdo ético (a solidariedade, o senso de justiça) e, sobretudo, o humor.¹¹

Scliar escreveu muitos livros sobre sua herança judaica. Talvez este seja o elemento mais estudado de sua prosa, certamente é uma visão acomodada de sua produção, por tender a colocá-lo num nicho único, como toda taxonomia. Entretanto, é difícil não citar, pois o autor mesmo, nunca deixou de suscitar a importância desta dicção em sua escrita.

O povo judeu não é uma raça geneticamente constituída, mas uma estirpe, um grupo humano, ainda hoje marcado por um ato que lhe confere uma identidade única nos seus corpos: a circuncisão. A condição judaica exige esta inscrição para o reconhecimento de seus membros. Não apenas como um ritual de passagem, mas também como uma entrada no campo da sua linguagem:

A palavra hebraica para “circuncisão” é *Milá*. Essa mesma palavra, entretanto, também significa “palavra”, Logo a “circuncisão da língua” refere-se, também, a submissão à Lei e à capacidade para usar os mistérios da linguagem.¹²

A língua para o judeu é, assim, uma marca, não somente no corpo, como na alma, nas estruturas internas de sua formação, na sua identidade. Ao fugir de apologias ou posições sectárias, Scliar exercitou essa condição de forma exemplar, sobretudo naquilo que ela tem de mais expressivo: o domínio íntimo da palavra. No Brasil, tirou, do “gueto” em que estavam submersas as histórias desse povo, a matéria-prima de alguns de seus principais trabalhos, bebendo



das principais fontes dessa vertente. Na literatura judaica, sobre suas principais influências, ele cita Saul Bellow (1912-2005), Philip Roth (1923-), Norman Mailer (1923-2007), Bernard Malamud (1914-1986), Isaac Bashevis Singer (1901-1991), Scholem Aleichem (1859-1916) mas, é mesmo Franz Kafka (1883-1924) a quem ele irá tributar suas principais afinidades eletivas. O autor tcheco será modelar para muitas das preocupações da obra de Scliar, sobretudo a questão da identidade:

A literatura para Kafka traz a marca do judaísmo. Porque a condição judaica remete a uma questão fundamental dos tempos modernos: a identidade. E a busca da identidade para Kafka era fundamental.¹³

A identidade é também questão central em Scliar como ele mesmo reconhece em seus romances, em especial no seu famoso *O centauro no jardim* (1980):

A trama é movimentada, mas creio que o tema pode se resumir à questão da identidade. Como centauro, que é metade humano, metade equino, o filho do imigrante tem duas identidades: em casa, ele ouve certo tipo de idioma, come certo tipo de alimento, segue um certo tipo de tradição. Na rua, na escola, no clube, estas coisas são inteiramente diferentes. O resultado é um verdadeiro choque cultural.¹⁴

Outra característica que emula do judaísmo e de Kafka é o humor, um humor melancólico, que reconhece em Kafka, presente em toda sua obra, sobretudo em suas narrativas curtas, seus contos.

A narrativa curta que Scliar mais admira no autor tcheco são parábolas, forma retirada da Bíblia, modelar em Kafka, que Scliar descreve como “uma narrativa oblíqua, indireta, apesar de sua forma coloquial; não explicitando a mensagem que queriam transmitir, possibilitavam e tornavam necessário o comentário dos rabis. A parábola era, e é, uma obra aberta.”¹⁵ Será a narrativa curta, inspirada em Kafka e na Bíblia, a forma com a qual Scliar irá moldar o seu primeiro trabalho reconhecido.



5 A Bíblia, a medicina e outras literaturas

Os contos de *Carnaval dos animais* (1968) podem ser descritos como alegorias de inspiração bíblica: “Fui buscar na Bíblia inspiração para contos que, no entanto, tinham a ver com a realidade cotidiana do Brasil, vista de forma metafórica.”¹⁶

A Bíblia será fonte de inspiração de muitos trabalhos de Moacyr Scliar, dos primeiros contos às novelas, ensaios e crônicas. O texto canônico funciona para esse autor como um arquivo de histórias e tradições não somente de sua cultura, mas de todo Ocidente. Não obstante, sua abordagem não será ideológica, defendendo posições doutrinárias (religiosas ou não), está antes interessado nos paradoxos do texto, nos espaços sintéticos, e sim nas lacunas que a imaginação permite, por suas construções modulares e nas diversas interpretações que as leituras propiciam:

A narrativa bíblica é sintética, econômica. O narrador não perde tempo com descrição de paisagens, de lugares ou mesmo de personagens, isto tudo fica a cargo da imaginação do leitor. O que interessa é o que aconteceu e a lição que daí pode-se extrair.¹⁷

Nas narrativas sagradas, volta-se para os personagens silenciosos, sobretudo aqueles que o narrador bíblico não se ocupa, Scliar dará voz e enredo para essas figuras, lançando sobre elas um olhar contemporâneo, no qual passado e tradição são aventados a iluminar o presente por meio da literatura.

É pela ironia e pelo humor que Scliar irá abordar esses textos canônicos, construindo narradores que, disseminados em múltiplas vozes, produziram, na reescrita, novas possibilidades de leituras, diferente das abordagens exegéticas tradicionais de rabinos, teólogos e sacerdotes, sem, no entanto, confrontar-se com elas. Interessa a Scliar a possibilidade da ficção: “Completar as lacunas, ampliar a trama ficcional, é uma tarefa que só posso classificar como apaixonante, tão apaixonante quanto a própria narrativa.”¹⁸Essas lacunas serão alvo de experimentação do ficcionista, experimentação que irá exercer pela narrativa curta em contos e crônicas.

Dos contos aos romances, Scliar confessa muita experimentação. Sua evolução como escritor foi gradual, é um dos contistas contemporâneos mais conhecidos no Brasil, data de 1984 suas primeiras antologias. Contar/narrar histórias, esse



são os verbos principais da gramática desse autor, “(sempre contando histórias, Moacyr Scliar! Sempre contando histórias)”,¹⁹ ironiza no começo de sua autobiografia. Nesses contos, seus temas se diversificam nas mazelas sociais. Destacam-se os procedimentos narrativos que experimenta: reescrituras da Bíblia, alegorias e fábulas de animais, a presença do judaísmo, a família, a violência urbana, as questões éticas, as profissões estranhas. Procedimentos estilísticos variados, porém calcados na construção do narrador, que apresenta a situação inusitada de forma objetiva como bem nota Ana Maria Lisboa de Mello:

o fato de narrar de forma, clara, sem retardar a informação do leitor. No início dos contos, o leitor é mergulhado no âmago do problema, apresentado de forma simples e natural, mesmo que se trate de uma anomalia ou um absurdo.²⁰

A forma e o acabamento do conto parecem ser cruciais na obra de Scliar, pois, “de maneira geral, ou ele é todo bom ou é todo ruim; o meio-termo aí é exceção, não a regra.”²¹ O conto é também um veículo para o autor exercitar a metalinguagem, pondo em questão certos procedimentos estilísticos, especialmente das narrativas, isto acontece explicitamente em “Os contistas”, narrativa que faz parte da coletânea *A balada do falso Messias* (1976), com mais 30 páginas, é um texto raro em sua obra por ser narrativas curtas. Citado por Scliar em sua trajetória literária, também aparece em diversas antologias organizadas pelo autor ou por outros críticos evidenciando sua importância na produção do autor. Como explica Regina Zilbermann: “Todavia ao produzir uma narrativa mais longa, Scliar continua fiel a sua à sua técnica: o conto maior resulta da reunião de grande número de pequenos contos, aludidos apenas pelo narrador, ao identificar cada um dos autores e suas peculiaridades artísticas”.²² Como um tratado da arte de escrever contos dos quais se pode retirar muitos aforismos, não ignorando a natureza ficcional do texto: “Contistas são indigestos. Uma tribo de canibais devorou uma expedição de contistas; passaram mal, tinham delírios nos quais contavam histórias sem-fim.”²³

Humor melancólico e ironia poética emanam desse trecho, como um reflexo dos procedimentos estilísticos do autor, características também registradas em seus romances e novelas. Scliar concorda, de maneira enviesada, que o conto é um formato da juventude do escritor: “Diz-se que não há romancista antes dos 40 anos”,²⁴ o próprio Scliar estreou na narrativa longa aos 35 anos com *A guerra no Bom Fim* (1972).



Essa novela pode também ser lida como um ensaio para os futuros projetos do escritor, “uma forma seminal?”,²⁵ para usar a expressão de Berta Waldman. O livro é uma compilação de várias histórias de sua infância e juventude recolhidas no Bom Fim, recriadas na trajetória do personagem Joel, filho de imigrantes russos, nascido no Brasil, dividido entre duas culturas, emulando, assim, sua própria biografia. Scliar narra a passagem do conto ao romance, que se deu após sua visita a Israel em 1971, para fazer um curso de medicina comunitária:

Quando voltei, comecei a escrever uma série de histórias sobre o Bom Fim à época da Segunda Guerra. Até então me considerava contista. Mas o tema comum sugeria a possibilidade de uma narrativa contínua, o que, para quem tinha ainda o fôlego curto, era um desafio que, aos poucos, fui vencendo. Daí resultou minha primeira novela.²⁶

A medicina, “profissão portátil: dependia do conhecimento que o médico levava consigo”,²⁷ é outra linha na elaborada poética do autor, segundo ele: “um mergulho na condição humana em situações extremas – e, não raro, tão sombrias que só podem ser escritas pelo recurso ao humor, à ironia.”²⁸ Scliar cita alguns médicos escritores como ele: A. J. Cronin (1896-1981), Anton Tchekhov (1860-1904) e o brasileiro João Guimarães Rosa (1901-1967). Sobre as interações entre medicina e literatura, Scliar afirma:

A medicina usa a palavra como instrumento terapêutico, e a literatura como instrumento de criação estética. Mas, de qualquer maneira, o fato de que elas convivem nesse duplo território comum, o da condição humana e o uso da palavra, faz com que se complementem.²⁹

Scliar utilizou suas experiências para modular a humanidade trágica de suas personagens, em contos como “Rápido, rápido”, da coletânea *O anão no televisor* (1979), que fala do drama da progéria ou “Trem-fantasma”, texto publicado em *O carnaval dos animais* (1968), sobre a leucemia na infância, ambos, temas duros que o escritor modula com uso da ironia e do humor melancólico. Mas é nas grandes narrativas que a medicina forneceria material para alguns de seus maiores sucessos editoriais. Os romances *Sonhos tropicais* (1992) e *A majestade do Xingu* (1997) lidam, por exemplo, com as biografias romanceadas de



personagens históricos, os médicos Oswaldo Cruz (1872-1917) e o russo naturalizado brasileiro Noel Nutels (1913-1973), respectivamente.

Sobre o problema de ficcionalizar personagens reais, especialmente Noel Nutels, que conheceu pessoalmente, ele escreve:

Mas desagradava-me a ideia de ficcionalizar um personagem real, de escrever “Noel pensou que...”, “Noel disse que...”, quando, na verdade, eu não sabia o que ele tinha pensado ou dito. Isto, aliás, é o grande problema para quem faz ficção baseada em personagens reais, históricos. Um problema que se resolveu subitamente [...] ocorreu-me a ideia de deslocar o foco narrativo para outro personagem.³⁰

O deslocamento do foco narrativo e a construção elaborada dos narradores são um dos grandes trunfos da ficção de Moacyr Scliar, seja em narrativas curtas ou longas será sempre o narrador, ou narradores que irão pontuar o ritmo das situações que cria. O enredo parece sempre estar atrelado ao ritmo do narrador, que por contraste revela-se personagens, tão ou mais interessantes que os protagonistas de suas tramas, como o narrador moribundo de *A majestade do Xingu* (1997) ou o professor de história e “terapeuta de vidas passadas” de *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999).

Essa capacidade de emular e fatos reais em textos ficcionais seria modelar em suas crônicas. Em 1993, foi convidado a escrever textos de ficção baseados em matérias do jornal *Folha de S. Paulo*, atividade que exerceu por mais de 15 anos. A tentação de contar uma história a mais sempre fascinou o romancista que confessa: “descobrir qual a notícia capaz de dar uma história em si, envolve até um elemento de suspense, que, para mim, funciona como desafio.”³¹ A ficção vislumbra ser o filtro eleito por Moacyr Scliar para se relacionar com a realidade, ou, como quer Cíntia Moscovich: Scliar, eleito pela ficção.³²

6 Visibilidade e escrita

No último capítulo de sua autobiografia, Moacyr Scliar faz uma pergunta semelhante àquela que inicia este artigo: “O que pretendemos, com o ato de escrever?”³³ Sua resposta parece ser uma espécie de tautologia:



Aprendi, em primeiro lugar que escritores escrevem, [...] há uma fase de elaboração mental em que o texto começa a tomar forma em nossa cabeça. Mas em algum momento ele deve se tornar visível ou legível. Isto não é uma providência de ordem exclusivamente prática. Da página, o texto nos fala.³⁴

Mais adiante, ele procura responder à questão inicial:

Escrevemos para o leitor. E o primeiro leitor é representado por nós próprios. [...] A este leitor devemos formular uma pergunta fundamental: isto que escrevi está escrito da melhor forma que eu poderia escrever?³⁵

Para Scliar, o escritor escreve para ser lido, mesmo que para si mesmo, sua produção busca o leitor e sua resposta. Produtivo, trabalhou como médico até se aposentar, não interrompendo nenhuma de suas atividades (escritor; médico) durante a sua carreira, e reflete com ironia sobre a profissão de escritor: “Em primeiro lugar é preciso decidir se literatura é profissão. Questão difícil. Eu tenho diploma de médico. Sou escritor porque me chamam de escritor.”³⁶, remetendo mais uma vez a Kafka que trabalhava de dia e escrevia à noite, como próprio Scliar, por isso não era um “parasita social”. Escritor é quem chamamos de escritor ou, tautologicamente, escritor é aquele que escreve? E como Moacyr Scliar escreve, eis uma de suas respostas:

Não tenho nenhum tipo de percepção sensorial ao escrever. Nem mesmo imagino a cena que descrevo. Cada vez mais é a palavra, a palavra. Quando adolescente, ficava excitado ao escrever cenas eróticas, mas optei pelo sexo propriamente dito.³⁷

Ironicamente, a visibilidade em seus textos é um primado de sua imaginação, uma das grandes qualidades. Segundo Italo Calvino (1923-1985) “imaginação como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido.”³⁸ Essa potencialidade das cenas narradas por Scliar como uma tela – a fluência das imagens se aproxima muito da linguagem cinematográfica, não como roteiros mal disfarçados, antes como imagens articuladas no ritmo da narrativa – talvez isso explique a fluência imagética de sua prosa, não por acaso algumas obras suas geraram bons



projetos cinematográficos, como *Sonhos tropicais* (1991) de André Sturm e *Um sonho no caroço do abacate* (2009).

É com delicadeza imagética que Scliar encerra seu relato autobiográfico: “Para isto servem as palavras, para estabelecer laços entre as pessoas – e para criar beleza. Pelo que a elas devemos ser eternamente gratos.”³⁹

Considerações finais

Scliar faleceu em 2012, deixando um legado generoso que só a dedicada pesquisa poderá elaborar. Uma de suas últimas contribuições foi um depoimento intitulado “A culpa do sobrevivente” para a coletânea *Estudos Judaicos: Shoá, o mal e o crime* (2012), organizada pelos professores Lyslei Nascimento e Julio Jeha:

É a culpa do sobrevivente, que se expressa por um monólogo acusador: eu deveria ter morrido com eles, eu deveria ter morrido no lugar deles, se não morri é porque sou tão mal, tão perverso, que consegui escapar. [...] Ou seja: o Holocausto continua repercutindo, provocando, por meio de gerações, ondas de choque emocional. A esta altura, memória e história já se fundiram numa coisa só. O que torna o entendimento mais difícil. Porém necessário.⁴⁰

Somos alertados quanto ao silêncio que transforma a história em lembranças tênues, prontas a serem esquecidas. Só a cuidadosa e perene preservação das vozes (que de alguma forma foram sufocadas) é capaz de impedir o seu esquecimento.

É preciso também não deixar calar as vozes pelas quais nos falavam os escritores que a vida silenciou. Mas não se calam seus textos, para isso foram escritos!

Por que escrevem os escritores? – Para serem lidos! E ler é a nossa tarefa.

* **Márcio Cesar Pereira dos Santos** é Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG.



Notas

- ¹ BRODSKY, Joseph. *Menos que um: ensaios*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- ² BRODSKY, 1994, p. 11.
- ³ QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. p. 17.
- ⁴ SCLIAR, Moacyr. *O texto, ou: A vida: uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 72.
- ⁵ STEEN, Edla van (Org.). *Viver & escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2008. v. 3. p. 178.
- ⁶ STEEN, 2008, p. 181.
- ⁷ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 1985. Obras escolhidas, v. 1. p. 198.
- ⁸ DORF, Mona (Org.). *Autores e ideias*. São Paulo. Saraiva, 2010. p. 209.
- ⁹ SCLIAR, 2007, p. 8.
- ¹⁰ SCLIAR, 2007, p. 40.
- ¹¹ STEEN, 2008, p. 191.
- ¹² CORNELSEN, Elcio; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Estudos judaicos: ensaios sobre literatura e cinema*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 121.
- ¹³ SCLIAR, 1985, p. 74.
- ¹⁴ SCLIAR, 2007, p. 213.
- ¹⁵ SCLIAR, Moacyr. *Os melhores contos [de] Moacyr Scliar*. Seleção de Regina Zilbermann. São Paulo: Global, 1984. p. 77.
- ¹⁶ SCLIAR, 2007, p. 79.
- ¹⁷ SCLIAR, 2007, p. 80.
- ¹⁸ DORF, 2010, p. 210.
- ¹⁹ SCLIAR, 2007, p. 12.
- ²⁰ MELLO, Ana Maria Lisboa de. Moacyr Scliar, contista. In: ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (Org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 139.
- ²¹ SCLIAR, 2007, p. 126.
- ²² ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (Org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 10.
- ²³ SCLIAR, 2007, p. 162.
- ²⁴ SCLIAR, 2007, p. 162.



-
- ²⁵ WALDMAN, 2004, p. 47.
²⁶ DORF, 2010, p. 208.
²⁷ SCLIAR, 2007, p. 201.
²⁸ SCLIAR, 2007, p. 67.
²⁹ SCLIAR, 2007, p. 173.
³⁰ SCLIAR, 2007, p. 228.
³¹ SCLIAR, 2007, p. 252.
³² WALDMAN, 2000, p. 35.
³³ SCLIAR, 2007, p. 256.
³⁴ SCLIAR, 2007, p. 256.
³⁵ SCLIAR, 2007, p. 257.
³⁶ SCLIAR, 2007, p. 268.
³⁷ STEEN, 2008, p. 186.
³⁸ CALVINO, Italo. *Seis propostas para o novo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 106.
³⁹ SCLIAR, 2007, p. 272.
⁴⁰ JEHA, Júlio; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Estudos judaicos: Shoá, o mal e o crime*. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 193.

Referências

BRODSKY, Joseph. *Menos que um: ensaios*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o novo milênio*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CORNELSEN, Elcio; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Estudos judaicos: ensaios sobre literatura e cinema*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

DORF, Mona (Org.). *Autores e ideias*. São Paulo. Saraiva, 2010.

JEHA, Júlio; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Estudos judaicos: Shoá, o mal e o crime*. São Paulo: Humanitas, 2012.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.



SCLIAR, Moacyr. *Os melhores contos [de] Moacyr Scliar*. Seleção de Regina Zilbermann. São Paulo: Global, 1984.

SCLIAR, Moacyr. *O texto, ou: A vida: uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

STEEN, Edla van (Org.). *Viver & escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2008. v. 3.

ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (Org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.